

APRESENTAÇÃO

Após 800 anos, há algo sobre São Domingos que ainda não tenha sido descoberto? Há algo inexplorado ou não escrito? Ao longo dos séculos, ainda há algo que não foi esclarecido e não foi dito sobre o fundador e primeiro frade da Ordem dos Pregadores? Na ausência da descoberta de um antigo manuscrito, parece que um novo livro sobre São Domingos equivaleria simplesmente a uma nota de rodapé ampliada sobre tudo o que já foi escrito ao longo dos anos. Então, por que este novo livro sobre São Domingos?

São Domingos havia se doado a uma missão que era *oportuna*, porque havia percebido que o mundo precisava de uma *nova evangelização*. E, no entanto, a própria missão é verdadeiramente *atemporal*, porque cada geração precisa de uma *nova evangelização*, isto é, da pregação d'Aquele que é *sempre antigo*, mas *sempre novo*. O paradoxo “antigo-novo” traz à mente a noção de “clássico” de Hans-Georg Gadamer. Um “clássico” é ao mesmo tempo “atemporal” e “tempestivo/actual”. É atemporal não porque se situa além das vicissitudes da história, mas porque se torna um evento de sentido em cada momento dela. É actual precisamente porque é “um presente atemporal que é contemporâneo a todo outro presente”. Neste sentido, São Bernardo afirma que a Sagrada Escritura fala *hodie usque ad nos*, isto é, também a nós hoje. O “clássico”, escreve Sandra Schneiders, é como “uma composição musical, que não pode ser interpretada senão com autêntica fidelidade à partitura musical, mas que será interpretada de modo diferente por cada artista”. Existe *uma única* peça musical que é executada de modo original a cada vez, por causa dos diferentes talentos e de outras circunstâncias. Todas as execuções de um concerto por parte de músicos diferentes ou mesmo pelos mesmos músicos em outro contexto não são apenas “cópias” do exemplar na mente do compositor, mas são por si mesmos “eventos criativos”. De modo análogo, vemos como é possível que existam muitas maneiras de responder autenticamente ao *único* convite de Jesus: *Vem e segue-me* (Mt 16, 24).

Como santo cuja vida foi doada à pregação da Palavra Encarnada, São Domingos tem “algo a dizer” em todos os tempos e em todos os lugares, não porque a sua vida, *por si mesma*, tenha a capacidade de transcender os tempos e os lugares, mas porque o Evangelho que formou e transformou a sua vida é *clássico*.

O presente livro – que é publicado por ocasião do oitavo centenário do *dies natalis* (1221-2021) de São Domingos – é como uma nova interpretação de uma peça de música clássica: a *mesma*, mas *diferente*. Fala da mesma pessoa, do mesmo santo, e, no entanto, o apresenta de modo ligeiramente diferente. Une as virtudes

de uma historiografia confiável e de uma hagiografia inspiradora. Busca informar e inspirar. Portanto, é altamente recomendado a todos aqueles que queiram conhecer São Domingos pela primeira vez, aos irmãos e às irmãs da Família Dominicana que estão em formação inicial, ou àqueles que o conhecem bem, mas querem se aproximar dele com um olhar renovado deste santo medieval. Sua vida e missão têm a capacidade de se tornar um *novo evento de sentido* quando são apropriadas no presente, especialmente neste momento de graça do oitavo centenário de seu nascimento para a vida eterna.

Agradeço aos dois confrades que trabalharam neste livro, frei Gianni Festa, Postulador Geral da Ordem, e frei Augustin Laffay, Arquivista Geral: a sorte e, espero, o sucesso de sua contribuição para o conhecimento de São Domingos entre os leitores serão devidos não só à séria preparação histórica da qual são reconhecidamente possuidores, mas também ao precioso testemunho de sua fraterna e muito bem-sucedida colaboração.

Frei Gerard Francisco Timoner III O. P.
Mestre da Ordem
24 de maio de 2021
Festa da Transladação de nosso Santo Pai Domingos

IMPRESSÕES DE LEITURA E CONSIDERAÇÕES DE UM PASTOR BOLONHÊS

São Domingos de Caleruega é, sem dúvida, o colaborador ideal que todo bispo deste mundo gostaria de ter. Esse é o pensamento que instinctivamente me veio à mente, assim que fechei a última página da nova biografia que os dois religiosos dominicano, frei Augustin Laffay, Arquivista Geral da Ordem, e frei Gianni Festa, Postulador das Causas de Beatificação e de Canonização, escreveram por ocasião do oitavo centenário da morte do santo, ocorrida em Bolonha em 6 de agosto do distante ano de 1221. Recompensado por esta simples constatação, e após refletir sobre o dom de ter sido chamado a guiar a Igreja de Bolonha – que Domingos muito amou e na qual quis morrer e ser sepultado –, sinto-me agora verdadeiramente feliz de apresentar este livro. O livro é destinado aos leitores que queiram conhecer pela primeira vez ou redescobrir a sua figura, a sua mensagem e o seu legado, esta personalidade epocal da história da Igreja. Juntamente com São Francisco, Domingos revolucionou não só o modo de imaginar e viver a *sequela Christi secundum formam Sancti Evangelii*, então encarnada na vida monástica e na vida dos cônegos, mas também o conceito de missão, de vida apostólica e de pregação.

Esta breve Apresentação pretende focar-se em alguns aspectos que me impressionaram novamente e me levaram a refletir sobre a surpreendente vitalidade e atualidade da vida dominicana contida no binômio: vida apostólica/vida de Caridade. Além disso, como pastor da Igreja bolonhesa, não posso deixar de recordar e de destacar, com uma renovada felicidade de espírito, o significado e o papel que, desde os primeiros tempos, a “cidade felsínea” teve na evolução da formação e da identidade da Ordem. Em Bolonha foram convocados e celebrados os dois primeiros Capítulos Gerais. Em Bolonha tomou forma, graças a Domingos e a Reginaldo de Orléans, aquela vocação de caráter universal que distinguiria imediatamente a missão da Ordem. Em Bolonha o santo quis morrer e ser sepultado. Em Bolonha, por fim, ocorreu em 1233 a solene Transladação dos restos mortais de Domingos de um sepulcro colocado no chão para um túmulo mais digno, prenúncio da canonização celebrada no ano seguinte (1234) em Rieti pelo Papa Gregório IX.

Eclesialidade e vida apostólica de Domingos

Como diz o título de um capítulo da presente Biografia, a vida de Domingos é uma vida que nasce, germina, floresce e, por fim, frutifica *in medio Ecclesiae*, uma vida que, diria eu, desde a adolescência, doou-se à Igreja e que, nas suas

imprevisíveis etapas – da Velha Castela a Bolonha, passando pela França e por Roma – doou-se à Igreja e na Igreja. E destacou-se como uma resposta compassiva e incansável à pergunta que, como um grito, ressoava de noite, durante as suas intermináveis vigílias de oração: “Ah, Senhor! Que será dos pecadores?”. Uma pergunta e uma vida que, surpreendentemente – como alguém notou –, parecem prenunciar a de um grande monge e espiritual dos nossos tempos, São Silvano de Athos:

Quem tem em si o Espírito Santo [...] preocupa-se com todos os homens, noite e dia; o seu coração sofre por cada criatura de Deus e, de modo particular, por aqueles que não conhecem a Deus, que se opõem a Ele e que vão ao encontro do fogo dos tormentos. Por estes, ainda mais do que por si mesmo, ele reza noite e dia, para que todos se arrependam e cheguem a conhecer o Senhor¹.

Eu falava de uma vida *in medio Ecclesiae* porque, como escrevem os autores:

a missão apostólica [de Domingos] com os dissidentes, os hereges e os pagãos não podia realizar-se senão sob esta condição. A Ordem dos Pregadores é o fruto de um lento e paciente trabalho de adaptação às necessidades do tempo e da Igreja, em colaboração com os papas Inocêncio III, Honório III e a Cúria Romana, e também com muitos bispos. Entre os quais se destacam Diego de Osma e Fulco de Toulouse, com os quais Domingos estabeleceu uma estreitíssima relação².

Graças aos dois zelosos e proféticos pastores, o ideal de uma vocação apostólica gasta na pregação do Evangelho em toda sua verdade, pobreza e espírito comunitário, tornou-se claro e tomou forma – no coração de Domingos – dia após dia, à luz de um discernimento dos “sinais dos tempos” e na docilidade ao Espírito Santo.

O bispo Diego quase retirara o jovem cônego Domingos da paz do claustro da Catedral de Osma, arrancando-o – como se expressa com uma linguagem mística o beato Jordão da Saxônia – “dos abraços da bela Raquel (a vida contemplativa) para socorrer a “remelenta Lia” (a vida ativa)”. A docilidade de Domingos em acompanhar Diego, ao longo das suas viagens e dos seus projetos, torna-se plena partilha dos ideais de reforma apostólica e de espírito missionário que Diego, após a primeira viagem à França, começou a manifestar. Aderindo à verdade do Cristo do Evangelho, juntos nas estradas, nas aldeias e cidades do Midi da França, dedicaram-se a uma pregação que renunciava a toda a aparência de poder e de ostentação de autoridade, enquanto em extrema pobreza evangélica iam

¹ Silvano dell’Athos. *Non disperare!* Magnano (VC), 96.

² Cf. *Infra*, p. XX

em socorro da população caída nas malhas da heresia, testemunhando com o estilo de vida o que anunciam com a palavra:

Por onde andardes, proclamai: ‘O reino dos Céus está próximo’. Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expulsai demônios. De graça recebestes, de graça dai! Não leveis nem ouro, nem prata, nem dinheiro à cintura, nem sacola para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajado, pois o trabalhador tem direito a seu alimento (Mt 10, 7-10).

E, mais tarde, após a morte de Diego na Espanha, a colaboração com o bispo Fulco de Toulouse abriu caminho para o nascimento de uma comunidade “diocesana” de padres que viviam em comunidade, inteiramente dedicados à pregação: daqui até a aprovação da nova comunidade por parte do Papa Honório III, o passo foi breve. Graças à iniciativa de Fulco e às novidades das indicações formuladas pelo Concílio de Latrão IV (1215), Domingos pôde ver realizado o antigo e acalentado sonho de Diego de ter um grupo de pregadores votados à santa pregação evangélica – na pobreza total, na partilha de uma vida regular e na celebração em comum da oração litúrgica. Foi o início do crescimento da Ordem. Não me é possível aprofundar aqui uma reflexão que fazia enquanto percorria as páginas dedicadas à importância do Concílio Lateranense IV para a Igreja (não só) daqueles tempos, motivo pelo qual arrisco, como que em esboço, um discurso que deveria ser analisado em pormenor. Como então, após o Concílio, seguiu-se uma decisiva e fecunda renovação de toda a estrutura eclesial em todas as suas manifestações (vida sacramental, vida apostólica, anúncio do Evangelho, discernimento dos sinais dos tempos, etc.), particularmente na vida religiosa, assim aconteceu (nascem as ordens mendicantes, caracterizadas pela vida apostólica, o governo centraliza-se, tornando-se assim um instrumento decisivo de promoção das ideias reformadoras do Bispo de Roma, pobreza e mendicidade, pregação itinerante, vida comum, atenção ao estudo como meio necessário às exigências dos novos tempos, etc.), embora, por vezes, no claro-escuro das inevitáveis miopias humanas, também nos nossos tempos, após o Concílio Vaticano II e à luz do seu Magistério: basta pensar apenas na riquíssima floração de novas experiências, monásticas, apostólicas e laicais, da vida religiosa e da vida associativa fraterna. Mas voltemos a Domingos.

Recorda um dos primeiros companheiros do santo, frei João de Espanha, no testemunho prestado no Processo de Canonização de Bolonha (1233), que àqueles que se opunham à escolha de dispersar os poucos frades que tinham se reunido em torno da sua pessoa em Toulouse, para os enviar dois a dois a pregar, Domingos –

parece que pela única vez na sua vida – impôs-se com um: “Não me contradigam! Sei bem o que faço.” E, ainda a propósito do anseio do santo pela pregação, o mesmo frei João, naquela circunstância, recordava que:

[Domingos] era cheio de compaixão pelo próximo, cuja salvação desejava ardente mente. Ele pessoalmente pregava com muita frequência, mas procurava de todas as formas convencer também os outros frades a irem pregar; e quando os enviava, pedia-lhes e suplicava-lhes que fossem solícitos pela salvação das almas. Cheio de confiança na ajuda de Deus, enviava a pregar também os indoutos, assegurando-os com estas palavras: “Ide com segurança, porque o Senhor vos dará as palavras a dizer e estará convosco e nada vos faltará”³.

Uma ordem apostólica, portanto, a de Domingos, que nasce graças a uma polifônica riqueza de vozes: os bispos Diego e Fulco, os pontífices Inocêncio e Honório e, no centro, Domingos que dirige e concerta as vozes. Uma Ordem que nasce da fidelidade de Domingos à Igreja e da sua tanto pronta quanto perspicaz capacidade de cooperar com alguns pastores que tinham se dado conta de quais eram as necessidades da Igreja daqueles tempos. Uma ordem apostólica que nasce na paciência orante e na humildade silenciosa de Domingos, todo ele voltado a discernir a vontade de Deus na sua vida e a discernir a voz do Espírito que lhe sugere o que fazer, num momento histórico preciso, para a renovação da vida apostólica. Uma Ordem que, na narração das suas origens apostólicas, recebe quase um selo desta “Apostolicidade” de uma visão que ele teve em Roma num momento de incerteza e de fadiga:

O homem de Deus, Domingos, encontrava-se, pois, em Roma. Enquanto se derramava sua alma, na basílica de São Pedro, na presença de Deus, em sua oração pela conservação e propagação da Ordem, Ordem que a Sua destra difundia através do mesmo [Domingos], a mão do Senhor esteve sobre ele e logo viu, numa visão da imaginação, os gloriosos príncipes Pedro e Paulo virem ao seu encontro: o primeiro, Pedro, parecia dar-lhe um bastão, Paulo um livro, e acrescentavam dizendo: “Vai, prega, pois foste escolhido por Deus para este ministério”. Logo, num instante, parecia-lhe ver os seus filhos espalhados por todo o mundo, a avançar dois a dois e a pregar aos povos a palavra de Deus⁴.

Trata-se do *mandatum apostolicum* conferido a ele pelos dois Apóstolos num lugar “apostólico” por excelência: onde fora martirizado e sepultado o Príncipe dos Apóstolos. Até mesmo alguns dos símbolos hagiográficos e iconográficos que a tradição da Ordem inventou para assinalar a sua figura remetem ou assinalam esta “apostolicidade”: o bastão de viagem, a tocha para incender o mundo com a

³ *Acta canonizationis*, Bolonha, 26.

⁴ HUMBERTO DE ROMANS. *Legenda Maior*, 24.

Palavra, a estrela vespertina (*Vesperus*) que ilumina com a sua luz as sombras da noite, o livro do Evangelho, os pés, que nos falam das suas longuíssimas e extenuantes viagens, sempre na obediência à vontade do Senhor, em pobreza (andava descalço e calçava os sapatos apenas quando entrava numa cidade ou numa aldeia...). Conta-se, além disso, que Inocêncio III, na noite anterior ao seu primeiro encontro com Domingos, teve um sonho (representado também na Arca do Santo na Basílica de São Domingos em Bolonha):

Via [...] que a Igreja de Latrão ameaçava subitamente um grave desmoronamento, como se se estivesse desfazendo em sua estrutura. Enquanto ele olhava a cena tremendo e lamentando-se ao mesmo tempo, do lado oposto acorria o homem de Deus Domingos e sustentava todo o edifício prestes a cair, pondo-se debaixo [dele] com os ombros. Maravilhado com a novidade da visão e compreendendo, com a sua prudência, o significado, sem que qualquer demora lhe fosse obstáculo, louvou o projeto do homem de Deus e aceitou com alegria o pedido, exortando-o a que, uma vez de volta aos frades e tendo deliberado com atenção juntamente com eles, escolhesse, de comum acordo, uma regra já aprovada sobre a qual implantar solidamente o progresso da Ordem que devia começar; assim, no final, regressando ao mesmo papa, ele traria a sua confirmação, segundo o seu desejo⁵.

E a Igreja não ruiu! O sonho do Pontífice foi depois apropriado pelos Menores e inserido nas Fontes Franciscanas, onde o protagonista Domingos foi substituído por Francisco (quem não recorda o célebre afresco de Giotto na Basílica Superior de Assis?). Mas, para além das duas versões, por assim dizer “parciais”, o significado e o alcance simbólico do sonho residem inteiramente na compreensão que se teve, após a morte dos dois santos, dos seus respectivos papéis na história da Igreja.

Impressionou-me muito, além disso, o que está escrito no início da Constituição Fundamental da Ordem dos Pregadores, onde se afirma, com grande clareza e densidade de expressão, qual é a tarefa, ou seja, a missão da Ordem na Igreja. Escrevendo a São Domingos e aos seus frades, Honório III exprime com estas palavras o seu projeto:

Aquele que torna fecunda a sua Igreja com sempre nova prole, querendo conformar os nossos tempos aos primórdios da Igreja e propagar a fé católica, inspirou-vos o amoroso desejo de abraçar a pobreza e de professar a vida regular,

⁵ HUMBERTO DE ROMANS. *Legenda Maior*, 20.

com o fim de vos consagrardes à pregação da palavra de Deus, anunciando ao mundo inteiro o nome de Nossa Senhor Jesus Cristo⁶.

As palavras-chave são: pobreza, vida regular e pregação. Nelas reside a grande novidade do projeto apostólico e da Ordem de São Domingos. Como Pastor, não posso deixar de constatar como ele, desde as origens, radicou-se no terreno da Igreja e pôs-se a serviço da sua missão de anunciadora do Evangelho da Salvação. Num hino muito belo do Ofício Litúrgico do santo, diz-se que Domingos foi *Deo fidus Dominique Sponsae*, fiel ao Senhor e à sua Esposa! Ele assumiu, acrescenta o inspirado *Prefácio* da sua Missa, “para si e para os seus discípulos reunidos pelo Espírito Santo, o ofício do Verbo e [...] fazendo brotar o apostolado da contemplação, votou-se totalmente à renovação da Igreja”. Que admirável programa formativo se poderia extrair dessa descrição litúrgica do santo espanhol para depois o propor a tantos sacerdotes que atualmente muitas vezes lutam para encarnar na própria vida a sublime identidade do sacerdócio de Cristo!

O SACERDÓCIO DE DOMINGOS

Precisamente desse sacerdócio, tão intimamente modelado sobre a vida de Jesus Cristo, temos uma fulgurante e inequívoca representação iconográfica na tábua pictórica chamada da “Mascarella”, conservada em Bolonha na igreja paroquial de Santa Maria da Mascarella e de São Domingos, onde por volta de 1218 Domingos se deteve com um pequeno grupo de discípulos antes de ir para São Nicolau das Vinhas, e em alguns painéis da arca de mármore onde repousam os seus santos despojos. Neles foram admiravelmente representadas quatro cenas ou episódios da vida de Domingos: a aparição dos santos apóstolos Pedro e Paulo em Roma que lhe entregam um bastão e um livro (dos Evangelhos) intimando-lhe a missão da pregação; o milagre da ressurreição do sobrinho do cardeal Orsini ocorrido em Roma; a chamada “disputa” com os hereges com o milagre do fogo e, por fim, o milagre dos pães ocorrido num dia em que os frades não tinham o que comer. Todos os quatro episódios são “cristomiméticos”: neles está contida e revelada ao mesmo tempo a imagem de Domingos como um *alter Christus*, que se assemelha a ele porque viveu em sumo grau as qualidades do sacerdócio do Senhor Jesus: Cristo-Domingos que prega, Cristo-Domingos que traz um morto de volta à vida, Cristo-Domingos que disputa e ensina, enfim, Cristo-Domingos que doa a Eucaristia aos seus apóstolos.

⁶ ORDINE DEI PREDICATORI. *Libro delle Costituzioni e delle Ordinazioni dei frati dell'Ordine dei Predicatori*. Napoli: EDI, 2005. I, Constituzione Fondamentale, 25.

A compaixão e a caridade

Outro aspecto que sempre me impressionou profundamente na vida de Domingos e que no livro é com grande cuidado realçado, é o seu espírito de compaixão e a sua admirável caridade. O episódio mais célebre e frequentemente recordado é o da venda dos códices que possuía (e que custavam muitíssimo naqueles tempos!) para estabelecer uma esmola e socorrer a população mais pobre e miserável de Palência, atingida por uma gravíssima carestia:

Na época em que continuava os seus estudos em Palência, uma grave carestia ocorreu em quase toda a Espanha. Ele, então, perturbado pela necessidade dos pobres e ardendo nele o sentimento de compaixão, decidiu seguir os conselhos do Senhor e, ao mesmo tempo, remediar, tanto quanto estava nas suas possibilidades, a miséria dos necessitados que morriam. Assim, postos à venda, com todos os seus objetos, os livros que possuía e que lhe eram absolutamente necessários, ele estabeleceu uma esmola, que distribuiu e deu aos pobres⁷.

A resposta que ele deu a quem lhe perguntava a razão de um gesto tão singular – os códices serviam para estudar e Domingos precisava deles, pois naquela altura era um estudante universitário – foi a seguinte: “Não quero mais estudar sobre peles mortas [os códices] quando as vivas [os homens] morrem de fome”. Uma compaixão, uma caridade autêntica, mas discreta, cotidiana, não ostensiva, que brota de um olhar sempre atento às misérias e às dores dos homens. Assim como foi o olhar do Senhor Jesus, o único, que na multidão que enchia o átrio do Templo de Jerusalém e que observava maravilhada e com admiração o que os ricos e os notáveis depositavam, de forma teatral, no tesouro do Templo, percebeu o óbolo da viúva pobre e fez dele ocasião de evangelização para si e para os discípulos! O olhar de Domingos foi o olhar de um contemplativo, de um apaixonado leitor das Sagradas Escrituras, de um atento perscrutador dos acontecimentos humanos e eclesiásicos do seu tempo. Foi um olhar simples, sem malícia, como muitas vezes o representou o beato Angélico, seu exemplar filho e discípulo. Um olhar atravessado por copiosas lágrimas, porque Domingos, como tantos outros santos, teve o dom das lágrimas. Lágrimas de compaixão e lágrimas de Caridade. A quem um dia lhe perguntava sobre que livros teria aprendido tanta ciência e sabedoria, confidenciou: “Na verdade, devo confessar-te que tudo o que estudei e aprendi, encontrei-o apenas no livro da Caridade”.

⁷ JORDÃO. *Libellus*, 10.

A importância de Bolonha

Em 1217 em Toulouse, Domingos, com uma decisão surpreendente e inteiramente sua, convicto de que “o grão amontoado com o tempo apodrece”, enviou os seus frades para diversas cidades da Europa: alguns para Paris, outros para Espanha, outros para Orléans e, por fim, outros para Bolonha. A escolha das duas cidades mais importantes de então no campo dos estudos universitários não foi casual. Domingos havia tomado consciência de quão importante era para a renovação da vida apostólica e da pregação uma séria preparação intelectual: ele mesmo tinha se formado na Universidade de Palência e, durante os primeiros anos da recém-nascida comunidade tolosana, tinha mandado vir de fora um mestre em Teologia para instruir os frades. Afirmam os dois autores:

Enquanto os textos legislativos das Ordens anteriores ao século XIII, por exemplo, de Grandmont, dos Cartuxos ou de Cister, e os *Costumes* dos cônegos regulares, não concediam senão uma atenção secundária aos estudos, os Capítulos anuais dos Pregadores nunca cessaram de sublinhar a sua importância, a sua excelência e a sua necessidade. Muitas vezes os Capítulos recordam a todos os frades, mesmo aos mais idosos, o dever de se aplicarem ao estudo com assiduidade e vigor. Se se deve acreditar no testemunho de frei João de Espanha, Domingos descreve assim com três palavras os deveres dos primeiros companheiros tolosanos enviados a Paris: “Estudem, preguem e fundem um convento”⁸.

E para estudar, Paris e Bolonha eram as cidades mais renomadas e, portanto, prediletas. Assim, Domingos encaminha-se para a cidade de Bolonha e em 1218 funda aí a primeira comunidade: depois de ter se alojado no hospital⁹ de Santa Maria da Mascarella, situado a norte da cidade e gerido pelos Cônegos Regulares de Roncesvalles (espanhóis!), os primeiros frades se transferem para São Nicolau das Vinhas. Começa a grande aventura e a fecunda história da presença dos Dominicanos na nossa cidade. Não posso aqui percorrer as etapas desta fascinante e secular presença. Detenho-me apenas em dois aspectos que me parecem importantes. Segundo o que afirmam os dois historiadores, parece que foi precisamente em Bolonha que Domingos conseguiu conferir aquela identidade da Ordem que até então era, por assim dizer, ainda fluida e necessitada de clareza:

⁸ Cf. *infra*, p. XX.

⁹ N.T.: No original *ospizio*, no latim *hospitium*. No contexto do século XIII, designa um local de caridade cristã que pratica a hospitalidade no seu sentido mais amplo. Designa casas cujo objetivo é tanto acolher peregrinos e viajantes quanto cuidar dos doentes, amparar os pobres, os órfãos, os idosos e as viúvas.

Por volta de meados de agosto do mesmo ano, Domingos chega a Bolonha, onde encontra um florescente convento graças aos candidatos de altíssima qualidade que Reginaldo tinha atraído para a Ordem com o seu fascínio, a sua vida evangélica, a sua pregação. É preciso dizer que a comunidade bolonhesa, desde o nascimento, tinha assumido uma identidade decididamente internacional e, sobretudo, tinha sido formada pela sábia orientação de Reginaldo, que muito tinha insistido nos valores da austeridade e da pobreza como sinais irrenunciáveis de uma vida evangélica. Por isso, Domingos podia imaginar que poderia realizar mais facilmente do que em Paris o seu ideal de mendicidade conventual, com a renúncia não só às propriedades (como tinham feito em Toulouse em 1216), mas também às rendas e aos rendimentos de qualquer tipo.

Portanto, é na nossa cidade que se concretizam e se estruturam alguns aspectos da identidade, da *forma vitae*, da legislação – não se deve esquecer que de Bolonha não só emanou a primeira legislação da Ordem, mas também se celebram, em alternância com Paris, os primeiros Capítulos Gerais – e da espiritualidade dominicana: missão universal, mendicidade, estilo de vida pautado por uma real pobreza e, por fim, vida intelectual. Esta última, tão viva e célebre em toda a Europa devido à prestigiosa Universidade com seus docentes, seus colégios e, sobretudo, seus estudantes, deve ter fascinado profundamente Domingos. Sabemos que entre as primeiríssimas vocações bolonhesas para a nova Ordem, muitas provinham do ambiente universitário. Em Bolonha, praticamente, o santo passará os seus últimos três anos de vida – exceto por algumas viagens a Roma – no recém-nascido Convento de São Nicolau das Vinhas (depois denominado, em sua honra, de São Domingos). Lugar onde, por escolha de radical pobreza, não possuía uma cela pessoal, a não ser aquela na qual foi depositado para expirar em 6 de agosto de 1221. As exéquias e a solene transladação dos seus restos mortais (maio de 1233), a que se seguiu o processo de canonização aberto em julho de 1233 (e concluído com o solene Rito de canonização celebrado em Rieti por Gregório IX em julho de 1234), foram celebradas sempre em Bolonha e em ambos os casos com resoluto envolvimento e constante solicitude dos pastores bolonheses e de todo o povo. A coroação de tal amor pela nossa cidade deu-se com a solene proclamação de Domingos a co-padroeiro da cidade. Pergunto-me: esta ligação com a nossa cidade não é talvez também uma herança que somos chamados a revitalizar e a valorizar para a Igreja de hoje?

† Cardeal Matteo Maria Zuppi
Arcebispo de Bolonha

INTRODUÇÃO

A retomada e a renovação dos estudos históricos a partir do século XIX permitiram não só compreender melhor a vida de São Domingos, mas também entender mais profundamente a originalidade de sua proposta de vida religiosa e apostólica. A *Storia di san Domenico* de Marie-Humbert Vicaire, O. P., publicada pela primeira vez em 1957, constituiu uma etapa fundamental e decisiva para o conhecimento do santo. Desde então, os progressos realizados no âmbito do trabalho histórico-crítico sobre as fontes antigas da Ordem dos Pregadores e os numerosos estudos empreendidos sucessivamente – em particular sob a orientação de Simon Tugwell, O. P. – permitiram esclarecer e, por vezes, corrigir alguns dados históricos da biografia de Domingos. A publicação em 2019, por Nicole Bériou e Bernard Hodel, de uma vasta coletânea de testemunhos escritos, que vão do final do século XII ao XIV, com o título *Saint Dominique de l'Ordre des frères prêcheurs*¹⁰, e a edição latino-italiana do primeiro volume da coletânea *Alle origini dell'Ordine dei Predicatori. Le fonti del secolo XIII*, a ser lançada em 2021 com a curadoria de Agostino Paravicini Baglioni, Gianni Festa e Francesco Santi, finalmente disponibilizaram não apenas aos pesquisadores, mas também a quem ama São Domingos, um *corpus* inigualável de textos ricamente anotados e rigorosamente apresentados. Sem o trabalho desses autores e de tantos outros, este livro, que deseja apresentar Domingos, sua missão e sua santidade, nunca teria vindo à luz, e é na esteira dessa longa herança de estudos que ele se situa, embora com instrumentos e objetivos diversos.

Os dois primeiros capítulos são dedicados à descoberta da vida e da santidade do cônego castelhano que mais tarde se tornou fundador de uma Ordem de alcance universal, seguindo a narrativa das fontes. Não quisemos escrever uma biografia crítica, debruçando-nos com espírito investigativo sobre o contexto histórico em que sua vida se insere. Mas quisemos mostrar como sua figura foi percebida por seus contemporâneos. Neste ensaio biográfico, ativemo-nos à cronologia estabelecida por Simon Tugwell, recorrendo na citação dos textos – quando a argumentação o exigia – às respectivas traduções italianas elaboradas para o volume *Alle origini dell'Ordine dei Predicatori. Le fonti del secolo XIII*.

No terceiro e no quarto capítulos, oferecemos uma apresentação sucinta da mensagem dominicana desde as origens até os dias de hoje.

¹⁰ BÉRIOU, Nicole; HODEL, Bernard (org.). *Saint Dominique de l'ordre des frères Prêcheurs: Témoignages écrits (fin XIIe - XVe siècles)*. Paris: Cerf, 2019.

O quinto capítulo e a seção conclusiva dedicada às representações artísticas, projetados e escritos por duas historiadoras da arte, Coralie Machabert e Claire Rousseau, evocam a imagem de Domingos através da apresentação de dezesseis obras de arte da Idade Média ao século XX. A historiadora da arte medieval Eleonora Tioli e Gianni Festa concluem o quinto capítulo apresentando uma intrigante obra bolonhesa quase desconhecida do grande público, a chamada “Tábua da Mascarella”, conservada na igreja bolonhesa de Santa Maria e São Domingos na Mascarella, que, ao nosso conhecimento, parece ser até hoje a mais antiga representação de São Domingos.

Por fim, no sexto capítulo, podem ser encontradas a cronologia de Simon Tugwell, revisada por Gianni Festa, despojada do formidável aparato de notas para permitir uma leitura menos fatigante, a lista das Fontes e uma Bibliografia comentada e atualizada.

Um livro é sempre uma aventura coletiva. Claire Rousseau e Coralie Machabert aceitaram colaborar e fazer parte deste livro escrevendo o capítulo sobre a iconografia: a elas, nosso fraterno agradecimento! Desejamos expressar nossa gratidão também ao frei Simon Tugwell, que nos disponibilizou o uso de sua *Cronologia*, e aos confrades Vincent Tierny e Innocent Smith, dominicano, que releram os parágrafos dedicados às Constituições e à Liturgia, respectivamente. À professora Alessandra Bartolomei, amiga paciente, um agradecimento pelos tantos conselhos e pelas enriquecedoras conversas. O Mestre da Ordem, frei Gerard F. Timoner e Sua Eminência o Cardeal Matteo Zuppi acolheram benevolentemente nosso pedido de participar do livro com suas abalizadas apresentações: a eles vai a nossa gratidão.

Este livro se apresenta também como o fruto do trabalho de dois historiadores que, no entanto, não se esqueceram de ser filhos de São Domingos, a quem se doaram no dia de sua profissão religiosa. Ambos são profundamente conscientes de serem parte integrante de uma tradição que sempre quis manter unidas a busca da verdade histórica e a própria vocação filial.

A imagem escolhida para a capa foi extraída do Ofício litúrgico para a festa de São Domingos do *Breviário* de Belleville, um manuscrito iluminado, que data de 1323-1326, e foi feito para Joana de Belleville, esposa de Olivier IV de Clisson. Este, acusado de traição, foi executado em Paris em 1343 e todos os seus bens foram confiscados em benefício do rei da França. Carlos VI presenteou o precioso *Breviário* a seu genro, Ricardo II da Inglaterra, e seu sucessor, Henrique IV, doou-o a Jean de Berry, provavelmente a pedido deste último. Por sua vez, o duque de Berry o legou em testamento à sua neta, Maria de França, que se tornara monja no

mosteiro dominicano de Poissy. Como o códice era para uso das dominicanas, sua doação foi indicada. O manuscrito permaneceu em posse do mosteiro até a Revolução Francesa, quando foi apreendido e guardado na Biblioteca Nacional de Paris, onde atualmente está conservado.

A miniatura que escolhemos e reproduzimos na capa retrata o célebre sonho de Inocêncio III, durante o qual ele viu a Basílica de Latrão ameaçada por um grave desabamento, quase se desfazendo em sua estrutura, e sendo sustentada com os ombros por Domingos. Na imagem, vê-se o Pontífice, solenemente revestido de paramentos litúrgicos e adormecido transversalmente sobre um trono coberto por um tecido dourado, enquanto à esquerda, o santo, tentando impedir o iminente desabamento da Basílica com os ombros, inclina-se na direção do adormecido com as mãos posicionadas como se estivesse pregando ou ensinando.

Acreditamos que, na simplicidade da composição espacial e na escassez dos objetos evocados, a miniatura representa com eficácia o que procuramos demonstrar em nosso livro: a vocação de Domingos nasce *in medio Ecclesiae* para a salvação dos homens e em socorro da Igreja em um momento histórico em que ela parecia ter perdido pelo caminho o ardor apostólico das origens. Se a Igreja não ruiu, foi mérito também de Domingos que, acolhendo a inspiração do Espírito Santo, doou integralmente a si mesmo e sua Ordem a essa suprema vocação evangélica.

Este livro, enfim, apresenta-se com outra característica. Ele foi concebido, escrito e concluído no antigo Convento de Santa Sabina, situado na colina do Aventino em Roma. Aqui, entre as muralhas antigas, no silêncio do claustro e das celas, na celebração do culto litúrgico na majestosa e belíssima Basílica, centenas e centenas de frades dominicanos gastaram suas vidas a serviço da Ordem e da Igreja nos vários ofícios e serviços. A esses irmãos que nos precederam, vai a nossa profunda gratidão: eles nos transmitiram o amor daquele humilde religioso que um dia, oito séculos atrás, se apresentou à porta da Basílica paleocristã para prosseguir e aperfeiçoar sua missão *in medio Ecclesiae*.

Este humilde texto é, portanto, também uma ação de graças, um oferecimento de louvor. Ousamos esperar que possa servir não apenas para dar a conhecer melhor a vida e o carisma de São Domingos, mas também para encorajar todos aqueles que desejam consagrar suas vidas ao Senhor Jesus, para que, atraídos pelo zelo suave e pela amável caridade do Pai dos Pregadores, possam responder, com todo o seu ser, ao chamado para segui-lo pelas estradas do mundo a pregar o Evangelho da Salvação.

Gianni Festa, O. P.

Postulador Geral da Ordem dos Pregadores
Augustin Laffay, O. P.
Arquivista Geral da Ordem dos Pregadores
24 de maio de 2021
Festa da Transladação do Santo Pai Domingos

OS ROSTOS DE SÃO DOMINGOS: REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

I. AS VISÕES DA MÃE E DA MADRINHA DE BATISMO



TEXTOS HAGIOGRÁFICOS¹¹

I

Sua mãe, antes que o tivesse concebido, viu em sonho que tinha no regaço um cãozinho que trazia na boca uma tocha acesa e, saído dele, parecia incendiar todo o mundo. Esse sonho profeticamente dizia que dela nasceria um insigne pregador que traria a tocha da abrasadora Palavra, para dar uma potente chama à Caridade que em muitos corações vai arrefecendo e para manter longe do rebanho os lobos com a assídua pregação, bem como para despertar e estimular as almas adormecidas nos pecados às virtudes.

E isto realizou-se perfeitamente na sua vida. Era, de fato, incomparável em repreender os pecados e em combater as heresias, e incansável em exortar os fiéis. As suas palavras queimavam como tocha, pois viera com o espírito e a força de Elias¹².

II

De resto, desde a infância, Deus, que conhece o futuro, dignara-se uma vez a mostrar como daquele menino se podia esperar que saísse algo de grande. De fato, ele foi visto em visão por sua mãe como se tivesse na fronte uma lua; com o que era evidentemente prenunciado que ele seria dado como luz às gentes para iluminar aqueles que estão assentados nas trevas e na sombra da morte: coisa que depois os acontecimentos confirmaram¹³.

III

Deus, que conhece o porvir, para revelar que deste menino algo de grande seria realizado um dia, à senhora que o segurara no batismo concedeu no sono esta visão. Parecia à madrinha que o menino Domingos trazia sobre a fronte algo semelhante a uma estrela, a qual, com a sua luz, como que iluminava toda a terra. Com isto fazia entender que ele se tornaria um dia luz das nações para iluminar aqueles que estão nas trevas e na sombra da morte. Depois essa mesma nobre senhora, perplexa com a grandeza da visão, foi contar à mãe com grandíssima alegria o que tinha visto¹⁴.

¹¹ Os trechos das legendas de Pedro Ferrandi e Humberto de Romans em italiano são extraídos de *La leggenda di San Domenico. Profilo spirituale del Santo del Leggionario litúrgico*. Enquanto de Jordão da Saxônia, da Carta sobre a Trasladação, da Bula de Canonização, de Cecília Romana, de *Os nove modos de orar* e do Processo de Canonização são extraídos de *San Domenico visto dai suoi contemporanei*, na tradução de Pietro Lippini. Por fim, os trechos da *Vitae fratrum* são extraídos de *Storie e legende medievali*, também na tradução de Lippini.

¹² PEDRO FERRANDI. *Legenda*, 3.

¹³ JORDÃO. *Libellus*, 9.

¹⁴ PEDRO FERRANDI. *Legenda*, 6.

IV

O beato Domingos, guia e pai glorioso dos Pregadores, que, ao aproximar-se o fim do mundo, resplandeceu como uma nova estrela, era originário de uma aldeia da Espanha, chamada Caleruega, na Diocese de Osma.

Era verdadeiramente conveniente que o próprio Deus, que uma vez fez despontar a seu tempo a Estrela da Manhã, agora que o dia já se encaminha ao final, do ocidente fizesse despontar sobre os filhos da terra também a Estrela da Tarde; e que, no fim dos tempos, fizesse subir as nuvens dos confins extremos da terra com cuja chuva vespertina mais abundantemente irrigasse a vinha que a sua destra plantou. Como, de fato, João Batista, qual Estrela da Manhã que precede o despontar do sol, anunciou a primeira vinda do Salvador, assim – cremos – o nosso São Domingos, qual Estrela da Tarde, que aparece quando a luz do sol desaparece, precede o Juízo já próximo¹⁵.

Para valorizar a santidade do fundador, os hagiógrafos recorrem frequentemente a símbolos e a narrações que se tornam lugares-comuns. Trata-se, por exemplo, de indicar que a santidade é um dom de Deus concedido à criança antes do seu nascimento. Em 1649-1650, o jovem frade Balthazar-Thomas Moncornet pintou quinze cenas na abóbada da capela construída atrás da casa em que São Domingos estabeleceu a sua primeira comunidade de frades em Toulouse. O segundo painel mostra o espanto da família de Domingos diante dessa criança marcada na fronte por uma estrela, rodeada de abelhas, que preferia dormir no chão em vez de no seu berço (cf. PEDRO FERRANDI. *Legenda*, 4-5). Esses sinais falam tanto da santidade individual de Domingos quanto da sua Ordem. Como escreveu Gregório IX na bula de canonização e como recita a liturgia da Ordem no dia da sua festa, Domingos foi um astro destinado a manifestar a ciência divina e a anunciar a vinda de Cristo em glória. A maneira de agir por ele preferida foi a palavra, da qual as abelhas são o símbolo. Por meio da penitência, a sua vida dispôs-se, desde a sua mais tenra idade, a este escopo essencial: dar a conhecer aos homens a salvação. Os sinais fazem brilhar o carisma de Domingos e traçam um caminho para os membros da sua Ordem: operar pela salvação por meio de uma palavra fecunda e de uma vida conforme aos preceitos evangélicos. Deus, dos céus, abençoará cada um como abençoou Domingos durante sua infância.

Legenda: Balthazar-Thomas Moncornet, O. P. (1630-1716). *Os sinais premonitórios da santidade de Domingos*. 1649-1650. Óleo sobre madeira. Anfiteatro Bruno de Solages, Toulouse.

Crédito fotográfico: frei Dominique-Benoit Jean-Luc O. P.

¹⁵ HUMBERTO DE ROMANS. *Legenda Maior*, 1.